

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.007

QUAL A É FACE DA VELHICE? MEMÓRIA SOCIAL E A MULHER IDOSA

Nádia Sampaio¹

RESUMO

Diante do quadro de envelhecimento populacional do Brasil, tem-se o fenômeno da feminização da velhice em que as mulheres acima de 60 anos apresentam uma sobrevida maior do que o homem idoso, sobretudo no espaço urbano. No entanto, as memórias sociais acerca da velhice feminina são recobertas de arquétipos que são produzidos e reproduzidos pela sociedade brasileira, uma vez que elas se encarregam de perpetuar modos de vidas, regras e padrões relacionados com o processo de envelhecimento que se enraízam por entre os tempos. Dessa forma, todas as representações de gênero, os símbolos e signos especificados para as mulheres e a reprodução de saberes que definem a condição feminina perpassam pelas memórias sociais revividas diariamente. Para tanto, esta pesquisa se incumbiu de perscrutar, por meio do método de Análise do Discurso de matriz francesa de Michel Pêcheux, quais os discursos que estão em funcionamento acerca da mulher idosa contidos em imagens veiculadas em revistas de publicação semanal quais sejam: Revista ISTOÉ, Revista Galileu e Revista VOGUE. Todas as capas averiguadas se referem ao combate do envelhecimento da mulher. Com isso, observou-se que o perfil feminino, nessa fase da vida continua a ser circunscrito sob a égide da pele lisa, da ausência dos cabelos brancos, do corpo rígido, escultural, sexy e dissimulador da idade. Isso reitera a rejeição às

1 Doutora pelo Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, ndiasampaio@yahoo.com.br

pessoas envelhecidas, uma vez que seus corpos não mais atende aos padrões determinados e considerados como ideais, desejáveis e belos. Deste modo, a velhice feminina é invisibilizada, ocultada e escamoteada posto que são necessárias várias estratégias de remodelação, de adequação quanto às referências estéticas para que as mulheres idosas sejam reconhecidas e aceitas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Memórias Sociais, Velhice Feminina, Mídia, Análise do Discurso

INTRODUÇÃO

A vida humana não está determinada apenas pelo momento do nascimento e da morte. Ela carrega um turbilhão de ciclos, momentos, tempos, pausas e acelerações que permitem a compressão da vida como um emaranhado de questões, respostas, silêncios e fases a serem experimentadas.

Nesse intuito, para o entendimento dos entrelaçamentos quanto à velhice e o envelhecimento feminino, ponto fulcral deste estudo, considera-se que a memória tem sido um campo de estudo fundamental na compreensão e elucidação de componentes importantes para desvendar como as mulheres idosas estão se posicionado em uma sociedade que dissimula a velhice. Na sociedade brasileira, o envelhecimento feminino ainda é um tema envolto de preconceitos, rótulos e silenciamentos e, em função disso, são necessários os questionamentos e as investigações que não permitam o sossegar das mentes e corações para que possam surgir respostas e novas interpolações que colaborem na produção de outros conceitos, reavaliações e reflexões sobre o tema em profusão.

À vista disso, a memória social é como um ancoradouro que apresenta perspectivas de leitura para a apreensão e elucidação dos modos de vida, do estabelecimento de padrões, de regras e de condutas que podem ser criadas e cristalizadas no transcorrer da existência de grupos sociais, posto que a memória é infinita e toda consciência é mediatizada por ela (Fentress; Wickham, 1992). Dessa forma, todas as representações de gênero, os símbolos e signos especificados para o sexo feminino e a reprodução de saberes que definem a condição feminina perpassam pelas memórias sociais revividas diariamente.

A memória se refere ao passado, envolve-se no presente e pode ser resolutiva para o futuro ao qual se almeja. Por isso, a memória social foi convocada a balizar este estudo com o intuito de desvendar como se produziu o conceito de velhice e os preceitos sociais que são impostos à mulher idosa. Nesse sentido, pretende-se compreender quanto às possibilidades de uma reformulação das memórias que seja capaz de resultar

em um refazimento da história, pois os fatos sociais evoluem e mudam com o tempo (Fentress; Wickham, 1992).

Nessa confluência, os canais de comunicação, sejam esses por intermédio dos jornais, das revistas, das redes sociais e da televisão contêm os discursos que estão em funcionamento e possuem gestos de interpretação, de regularização e estabilização na produção de estereótipos, na sedimentação de regras entre o sentido estabelecido e àqueles que deverão ser consolidados tendo por base convicções sociais classistas que reverberam os princípios capitalistas dominantes e produzem sentidos diversos.

Portanto, as imagens, as propagandas e a publicidade veiculadas pelas revistas de moda, de comportamento, pela televisão e pelas redes sociais, por exemplo, são criadas e manipuladas para que as memórias sociais, que interessam ao momento histórico, sejam fixadas, acomodadas e outras possam ser suscitadas e, nesse jogo, do lugar social e dos sentidos convenicionados, é representada a determinação histórico-social do discurso no que se refere à velhice e à mulher idosa (Trindade; Grantham, 2016).

Isto posto, nesta pesquisa, ter-se-á uma análise dos dizeres midiáticos sobre a velhice feminina por meio de imagens previamente escolhidas contendo linguagem verbal e não-verbal de revistas selecionadas. Desse modo, foram separadas capas de revistas para que fossem realizadas as devidas análises discursivas acerca das imagens e dos textos que tratam do tema central desta pesquisa.

Destarte, nota-se a necessidade de uma ampla releitura da velhice que considere os limites físicos, emocionais e laborais dessa fase da existência, mas que não sejam reputados como únicas características definidoras da longevidade, limitando as possibilidades de recriação da velhice em que, nesse estudo, as professoras aposentadas têm sido a principal vertente de sua recriação.

METODOLOGIA

Na produção do conhecimento existe diversos caminhos, métodos, técnicas, formatos e metodologias a serem seguidas como condutores

de novas descobertas, invalidação de outras, reestruturação de algumas. Ruminar acerca de alicerces que estão conformados, rígidos e firmados por intermédio de signos, símbolos e sentidos é, de certa forma, penoso e provocante, pois nessa confluência existem as rotas árduas que inexoravelmente deverão ser transpostas.

Este é um estudo exploratório descritivo e de abordagem qualitativa, fundamentado nos pressupostos teóricos e metodológicos da Escola Francesa da Análise do Discurso (AD). Na Análise do Discurso (AD), a língua não se refere apenas a sua estrutura, mas ao acontecimento. É preciso avaliar o que está sendo exposto, quais os interesses e o que está oculto na língua. Existe um entrelaçamento que ora desvenda, ora simula e está estabelecido nos entrecruzamentos do dizer.

Para Pêcheux (2015, p.53) “[...] todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de derivas possíveis oferecendo lugar à interpretação”. Logo, a língua elucida os variados significados e significantes da leitura que se faz sobre o mundo e no tocante as ações coletivas, afinal, ela é reflexo e prática social.

Neste estudo, foram analisadas três imagens que tratam do envelhecimento feminino, contidas em revistas de publicação semanal quais sejam: Revista ISTOÉ, Revista Galileu e Revista VOGUE. Investigou-se como, por meios dos enunciados e figuras, a velhice feminina é evidenciada, escamoteada e invisibilizada socialmente, bem como essas memórias sociais são difundidas por meios dos canais de comunicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As construções sociais são formuladas no decorrer do tempo e dizem respeito a várias instâncias da vida humana. São padrões, ideias, acepções que, após gerados, se robustecem, se cristalizam e quando solidificados, regem condutas e os comportamentos dos indivíduos. Se manifestam como símbolos que foram produzidos coletivamente e, por vezes, não

servem apenas para orientação ou rememoração, mas são conhecimentos que conduzem uma sociedade. Elas permeiam os âmbitos políticos, religiosos, comunicacionais, econômicos e culturais e se expressam cotidianamente. Dessa forma, impactam diretamente a vida humana, pois interferem na composição pessoal e social dos seres humanos.

Portanto, os discursos de um ou mais grupos que se referem à idade, ao gênero, às classes sociais, por exemplo, formam e estabelecem um agrupamento de normas, padrões e procedimentos que acabam por generalizar um ou vários modos de vida fazendo parte de um determinado controle social. Em função disso, Lippmann (2008) argumenta que os estereótipos são formados porque são vistos pelos olhos da cultura em que se vive, no captado pelos costumes e transportado em sucessão.

Assim sendo, para que as construções sociais sejam representativas e perdurem temporalmente, elas são passadas como legados entre gerações tornando-se guias importantes para a perpetuação de modos de viver, das percepções, das tradições, dos rituais e, todo esse conjunto, colabora para que os indivíduos se tornem intérpretes do passado arquitetando o presente e influenciando os atos futuros. Para Arendt (2016), nossa herança foi deixada sem testamento algum.

Barros (2011) afirma que as periodizações são elaboradas e desenvolvem práticas específicas para cada transição etária. Por essa razão, dentro de uma geração tende-se a observar que os indivíduos pertencentes àquele momento histórico, regularmente, pensam e têm uma atuação social bastante parecida. É necessário salientar que as construções sociais não são exclusivamente definidoras, mas exercem uma intervenção abrangente na regulação da vida cotidiana. Da mesma forma, são especificados os padrões para os jovens, para os idosos, para as mulheres e para os homens. Em cada escala cronológica, existem papéis sociais que são definidos e geram expectativas a fim de que sejam vivenciados, constituindo uma possível lógica que se conforme com o ideal previamente delimitado para a experimentação da vida.

Debret (2003) atesta que todas as limitações quanto a idade e a circunscrição de práticas a ela associadas são resultantes de um esforço para instituir parâmetros no progresso biológico humano. Neste sentido, existem movimentos em torno da disseminação dos padrões de comportamento e normas de procedimento. Isso é necessário para que modelos sejam seguidos, estabelecidos e absorvidos a depender da idade de cada indivíduo. É como se o mundo tivesse uma ordem própria e imagens que não devessem ser quebradas.

Nesse entendimento, um elemento central para que as tradições, os costumes, os códigos de condutas, sejam cada vez mais referendados, normatizados e naturalizados é a memória. Afinal, a memória é viva. Tudo que é perceptível se relaciona com ela, por isso ela está repleta de sentido histórico. Consoante Halbwachs (2006), não é suficiente reconstruir detalhadamente uma memória, mas é necessário que esta reconstrução opere com dados e noções que pertençam a todos. Desse modo, a memória produzida socialmente será essencial para que perdurem as construções sociais e, essas, gerem sentido, significação e estratificação na existência coletiva.

A memória social é uma leitura que explana como a sociedade pode ser moldada pelo passado e como esta interfere na composição do presente e do futuro. Bosi (1987) diz que o tempo da memória é social não apenas pelo fato de demarcar tempos, mas porque repercute nas formas de recordar. A memória como uma dimensão social é um campo vasto de estudos que percorre múltiplos âmbitos e produz efeitos na linguagem e na comunicação resultando no entrecruzamento de sentidos que incorporam ao campo social. Ela atravessa diversas relações de poder que condicionam os atos, fatos, discursos e proposições que determinarão posicionamentos pessoais e coletivos, identidades e condizionarão as atitudes dos grupos e de categorias sociais, por exemplo.

Na esfera da comunicação e dos discursos que regem a vida diária, a memória assume um papel de destaque porque ela é usada como instrumento para reforçar e manter influências diversas em homens e mulheres.

Neste ínterim, a linguagem assume uma poderosa incumbência, uma vez que é diariamente empregada e constrói diversas significações que estabelecem os pensamentos e visões que se solidificam no imaginário social. Os discursos se movem, se deslocam, estão carregados de sentidos e, conjuntamente com as memórias são sempre requeridos para a manutenção de ideias, de princípios, direitos e deveres, de experiências partilhadas, de ritos e de dogmas, afinal, a memória promove laços de filiação entre os membros de um grupo e sedimenta valores e concepções predominantes nas quais elas se referem (Halbwachs, 2006).

Para a preservação de estruturas sociais, as memórias são evocadas com o intuito de reforçar percepções, pensamentos, tradições, costumes, conexões por meio de imagens formadas e alicerçadas nas relações de poder, em distintas esferas sociais, que interessam ao presente e estão ligadas a vários elementos, como a religião, ao poder político, econômico e cultural, pois tudo isso tende a conservar um grupo, uma coletividade, uma nação atada à interesses pré-determinados.

Neste contexto, a velhice é uma produção social e, como tal, os entendimentos e acepções sobre ela são definidos pela sociedade, pelas memórias produzidas e evocadas que influenciam diretamente na percepção que as pessoas idosas têm de si mesmas. Beauvoir (2018) assevera que a velhice é condicionada pela sociedade da qual ela faz parte. Dessa maneira, os grupos sociais instituem a visão em torno da velhice e ela está envolta de discursos que funcionam e que se expressam nas ações rotineiras, nas práticas sociais, na língua e nas materialidades discursivas como resultados das ideologias que atuam em cada conjuntura histórica e cultural. A ideologia se materializa nas práticas, nos dizeres e está entre os sujeitos e suas atitudes (Cruz, 2018).

Todos estão sujeitos à linguagem, aos seus lapsos, pois não há neutralidade nem mesmo no uso dos signos no dia a dia (Orlandi, 2015). Em razão disso, surgem as variadas imagens, discursos e linguagens referentes à velhice, pois nesses estão postas as características e as orientações confeccionadas coletivamente no tocante ao comportamento, aos valo-

res e limitações estipulados pela sociedade no que tange a pessoa idosas, posto que as memórias subsistem uma vez que fazem parte de apanhado de princípios e valores que são comuns (Halbwachs, 2006).

A velhice, na atualidade, é um assunto discutido amplamente e tem ganhado notoriedade, visto que a presença da pessoa idosa no cenário brasileiro tem sido relevante. Com isso, deve-se pensar como a memória social tem sido produzida, reconstruída e desenvolvida no que toca às concepções e às assimilações sobre a velhice e aos homens e mulheres idosos. A sociedade brasileira confere múltiplos significados à velhice. Com isso, criou-se uma compreensão da pessoa idosa que a classifica e a estigmatiza conferindo-lhe uma exclusão social e, logo, produzem os pareceres e os juízos de valor que sustentam as memórias sociais.

À vista disso, os meios de comunicação como a *internet*, a televisão, jornais, revistas e redes sociais são organizadores dos pensamentos e das ações cotidianas e também são meios veiculadores. Da mesma forma, as leis são percebidas como orientadoras da organização social. Mediante isso, esses mediadores podem ser elementos condutores das memórias e dos pensamentos sociais. A linguagem é, portanto, um recurso fundamental de cristalização das ideologias que estão vigentes nos discursos sobre a velhice e essas são usadas nas diversas mídias, uma vez que a linguagem é o principal sistema de significações, de transmissão de conhecimentos e de cultura (Mendonça, 2020).

Desse modo, os sentidos referentes à velhice estão carregados de ressalvas e são veiculados na comunicação diária, nas mídias e popularizados nas falas e conversas rotineiras. A memória é constituída de significados culturais e ideológicos. Para tanto, os meios de comunicação medeiam e popularizam as conceituações sobre o envelhecimento e, de maneira enfática, se tornam instrumentos de difusão de opiniões, representações e noções sobre como essa fase da existência deve ser vista, sentida e experimentada, uma vez que essas ideias necessitam ser transformadas em um pensamento comum à todas as classes sociais.

Para esse intento, utiliza-se da padronização de uma imagem acerca da descrição no tocante à velhice e à pessoa idosa, dado que ao instituir referências se torna mais fácil sua difusão. Silverstone (2005) avalia que a mídia opera de forma profunda no cotidiano e tende a moldar realidades do dia a dia por meio de representações singulares e múltiplas. Para tanto, a força do discurso midiático se apoia no senso comum que está ancorado na sistematização da ideologia capitalista presente neste estudo.

Nota-se que várias publicações de revistas, de conhecimento do público em geral, tratam sobre o envelhecimento e apontam alternativas para experimentar a senilidade na perspectiva dos aspectos e ações da juventude, ocultando a velhice. Ou melhor, tem-se o princípio do rejuvenescimento como condição precípua para a aceitação dessa categoria pela sociedade. Konder (2002, 151) expõe que “[...] é na linguagem que se revelam os movimentos da busca do conhecimento, das aspirações generosas, mas também dos movimentos do medo, dos desejos subterrâneos, dos preconceitos, das ambiguidades”.

Nesse contexto, a mídia se insere não somente para fazer transmitir informações, porém ela pretende chegar aos mensageiros interessados, e isso explica como os meios de comunicação são organizados para atender as necessidades existentes e as que são fabricadas sobre a velhice e, implacavelmente, a velhice feminina. Santos (1996) chama a atenção para a percepção de que as imagens criadas pelas mídias tendem a proliferar e, por conseguinte, a sociedade dá testemunhos das exigências estéticas que ofuscam os rigores da razão.

Santos (1996) afirma que os meios de comunicação têm um papel crucial na desagregação dos discursos legitimadores que são orientadores das formas de experiência individual e coletiva na edificação do projeto da modernidade. Neste contexto, repara-se que os conceitos fornecidos pela mídia a respeito da velhice são guias para a definição de suas significações. Neste sentido, é necessário analisar quais são as imagens que referenciam a pessoa idosa e como a memória social reflete e condiciona

os encarceramentos do processo de envelhecimento e da velhice. A condição de ser uma pessoa idosa não é ignorada, se tornou um escândalo (Beauvoir, 1970).

O envelhecimento sempre esteve associado ao declínio, às mudanças corporais indesejadas, à ausência da beleza. Elias (2001) infere que a identificação com os velhos e com os moribundos coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias e que elas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte. Nesse contexto, as exigências da perfeição estética recaem, de modo incisivo, sobre o público feminino. Perrot (2007) argumenta que as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.

Assim, quando se refere à mulher idosa, o físico envelhecido se configura como um marco para a suposta degradação da existência. Existe um repúdio às rugas que estampam os rostos e aos cabelos que perdem a pigmentação e se convertem em fios brancos como elementos que, reunidos, apontam para a velhice. Os estigmas e os estereótipos se somam às muitas maneiras de escamotear o processo de envelhecimento porque as rugas são moralmente condenáveis (Sibilia, 2011).

Na esfera da vida moderna, a ordem social instituída para quem é idoso e idosa é a da juventude imorredoura. A velhice só poderá ser acolhida socialmente se atender aos modelos que se alicerçam no corpo jovial (Debret, 2003). O olhar da sociedade contemporânea para o corpo que envelhece julga ser necessário que ele seja preenchido com as tecnologias do rejuvenescimento a fim de que se torne alvo de admiração e não denuncie a idade, visto que se tornou um parâmetro para a aceitação social. Ou seja, é essencial que se afastem os sinais do envelhecimento, uma vez que a juventude significa uma discrepância com relação à velhice e, simultaneamente, deve ser um arquétipo adotado durante o envelhecimento e na velhice (Barros, 2011).

De acordo com Sant'Anna (2006, p.107) “[...] “envelhecer rejuvenescendo” deixou de ser contradição entre termos para se tornar necessidade julgada saudável e socialmente bem aceita”. Para tanto e, contraditória-

mente, é vital que se envelheça jovem, uma vez que a aproximação com as características da velhice pode sugerir um abeiramento com a morte. Nesta confluência, julga-se que a ideia de finitude está muito mais próxima de quem “se parece” com um velho do que àquele que tem uma aparência juvenil.

Essa manutenção da “velhice jovial” é um assunto comentado e divulgado nas revistas femininas, nas propagandas televisivas, nos programas específicos sobre bem-estar veiculados diariamente nos canais de TV e nas redes sociais. Lopes (2003) diz que os discursos das revistas são organizadores das significações da vida diária como totalidade e esse processo classifica, hierarquiza e pedagogiza o mundo. Então, vê-se, recentemente, em um aplicativo, para uso em celulares, conhecido com *Tik Tok* vários vídeos mostrando pessoas idosas realizando atividades divertidas, dançinhas e, até desafios que são considerados inadequados para os mais velhos, tais como: andar de skate, dirigir em alta velocidade, saltar de paraquedas, surfar, fazer rapel, praticar exercícios físicos que exigem alta performance, pois, desse modo, deseja-se exibir uma silhueta de “velhos remoçados” que possuem corpos altamente treinados pela musculação e com isso, eles se mantêm jovens.

Diante disso, entende-se que a construção social da velhice é um eterno vir a ser e vai se estabelecendo à medida em que as memórias são produzidas e, igualmente, são reconstruídas, ratificadas diante do apagamento, da opacidade e do ocultamento dela e, ao mesmo tempo é conflitante quando da probabilidade do reconhecimento de si mesmos, pois a memória é fluida e opera ilimitadamente (Fentress; Wickham, 1992).

Neste contexto, analisaram-se imagens que foram colhidas em sites da internet e redes sociais e foram reproduzidas para as devidas investigações. Observou-se a face da velhice feminina estampada em cada capa das revistas selecionadas. Para essas verificações foram escolhidas capas de revistas com datas distintas e dentro da perspectiva da variação demográfica prevista. Ou seja, a partir década de 2000. Esse momento foi

marcante para a sociedade brasileira, uma vez que as projeções populacionais realizadas anteriormente acerca do envelhecimento demográfico e a feminização da velhice foram se confirmando.

Nas imagens que se seguirão, ao exibirem rostos femininos imediatamente se reportam ao combate à velhice e, ao mesmo tempo, difundem estratégias e métodos de escamoteamento dessa realidade. Afinal, a velhice é um direito rejeitado ou que deve permanecer encoberto e não deve ser permitida a sua visibilidade (Sibilia, 2011).

Figura 01. Capa da Revista ISTO É, nº 2192.



Fonte: <http://knfranca.blogspot.com/2011/11/pautas-pouco-interessantes-nas-capas.htm>. Revista ISTO É, 16 de novembro de 2011.

A figura 1 foi veiculada na Revista ISTOÉ, de 16 de novembro de 2011, ano 35, número 2192. Ela é uma revista semanal de notícias brasileira, criada em 1976. Uma revista informativa acerca de múltiplos assuntos. É publicada aos sábados pela Editora Três e considerada como uma das três revistas de informação geral do país, ao lado de Veja e Época.

Nessa, observa-se uma ênfase nas cores do enunciado em amarelo para que fique em destaque a expressão “eternamente jovem”. Essa sen-

tença alude a formação discursiva da velhice com a finitude com base na materialidade textual do discurso em que se constata as conexões entre ideologia e a concepção dos significados. Em seguida, nota-se que o tamanho da fonte é bem maior quanto se fala a respeito da juventude e diminuída quando se menciona o envelhecimento. É interessante notar que a chamada para a reportagem de capa induz o leitor à confiabilidade do conhecimento sobre o tema, uma vez que se aborda “as novas e fascinantes descobertas da ciência para prolongar a vida”.

Aqui as pesquisas científicas validam a importância do tema. Tem-se uma frase de efeito, visto que preveem o interesse de todos em encontrar caminhos e fórmulas para prolongar a vida, desde que sejam jovens *ad eternum*. A fotografia central utilizada é de um rosto feminino. Isso indica que a reportagem tem um público que se pretende atingir, nesse caso, as mulheres. Todas elas sabem que podem envelhecer, porém, segundo a capa da revista, tornar-se cada vez mais jovem deve ser o desejo a ser realizado. Tótorá (2008a) afirma que para a sociedade atual saúde a qualquer custo significa eliminar os riscos de envelhecer como se o processo de aniquilamento da velhice fosse um encadeamento natural.

Os enunciados que complementam a capa dizem sobre “os tratamentos que combatem as toxinas prejudiciais ao envelhecimento saudável”. Essa frase comunica que existe um envelhecimento saudável em detrimento das concepções que depreciam o envelhecimento. Com isso, nota-se um deslizamento de sentido, uma vez que o envelhecimento sempre esteve associado à enfermidade, à morbidez, à debilidade e à insalubridade. Neste ínterim, segue-se a apresentação de itens, que são os recursos terapêuticos, para que se possa alcançar o objetivo de envelhecer bem e, concomitantemente, não se despedir da juventude. Vê-se uma relação de forças entre o processo iminente a qualquer ser humano e a sua recusa, uma vez que continuar sendo jovem é uma meta continuamente renovada face às conquistas da ciência e seus procedimentos.

Neste viés, o consumo voltado para essa categoria deveria produzir um perfil, criando um novo sujeito que diferia da imagem da pessoa idosa

até então divulgada. Orlandi (2015, p. 31) afirma que “[..] todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (reformulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. Conseqüentemente, a face da mulher estampada na capa do periódico reforça como a feminilidade está atada aos pressupostos da fabricação de uma aparência feminina que seja efeito das manobras da ciência e da estética. E, por essa razão, esse “mal”, que é a velhice, pode ser extinto por meio de procedimentos aprimorados cientificamente com fórmulas acondicionados em cápsulas, cremes, máscaras que disfarcem as imperfeições e “impurezas” típicas de um corpo envelhecido.

Em seguida, tem-se a figura 2 que consta na capa da Revista Galileu de agosto de 2019, edição 337. Ela é uma revista de publicação mensal da Editora Globo desde 1991. Criada com o nome de Globo Ciência. Na contemporaneidade, a revista Galileu é uma publicação que aborda assuntos ligados à ciência, história, tecnologia, religião e saúde, entre outros.

Figura 2. Capa da Revista Galileu.



Fonte: <https://www.facebook.com/revistagalileu/photos/podemos-tratar-o-envelhecimento-como-uma-doen%C3%A7a-unindo-tecnologia-e-medicina-pes/10157396123351649/>. Revista Galileu, agosto de 2019.

A matéria de cunho principal traz um questionamento estampado na capa, “O envelhecimento é uma doença? Tem cura?” A resposta é prontamente colocada abaixo das perguntas que são detalhadas da seguinte maneira: “os pesquisadores do Vale do Silício apostam que sim. Agora, tentam unir medicina e tecnologia para encontrar uma maneira de nos fazer viver mais, melhor e mais jovens”. A fotografia evidencia um rosto feminino e jovem refletido em um espelho que é segurado por uma mão envelhecida, caracterizada pela pele enrugada, com manchas e rugas tipificadas como sendo de uma mulher com idade mais avançada do que a imagem manifestada no espelho.

Com isso, contradições são observadas e, nessas, há um rosto sem rugas, sem marcas de expressão, com a ausência de flacidez nas pálpebras que não condizem com a mão representativa da velhice. As marcas da velhice estão na fotografia, porém não devem ser destacadas em função dos enunciados que estão proeminentes e, essas marcas são contrárias a mensagem de rejuvenescimento. Tótora (2016, p. 1) diz que “[...] o incômodo da velhice parece não ser apanágio dos velhos, mas sim um fantasma que acompanha todas as idades”. A fotografia evidencia a imagem da juventude. Cabe então perscrutar: por que um espelho? Porque nele se vê com nitidez e, por isso, revela a juventude em contraponto com a velhice feminina das mãos.

Diante disso, é possível distinguir a importância de uma face feminina que reflita, não necessariamente a imagem real, porém um ideal de perfeição, de plenitude da beleza e que dissimule os aspectos concernentes ao processo de envelhecimento pelo qual o corpo da mulher está suscetível sendo essa a revelação do espelho “bom”. O rosto necessita ter uma pele minuciosamente lisa e sem falhas, sem incorreções, com tônus muscular, ausente de linhas de expressão e sulcos e com um brilho intenso e rejuvenescido, visto que ele é o denunciador da idade que se possui, caso contrário ter-se-á a manifestação do espelho “mau”. Mucida (2019) mostra que embora essas mudanças na aparência não indiquem doenças, elas

poder ser interpretadas como tais numa tentativa de denegação do real da imagem.

Nesta análise, atrelado às informações da capa da figura 2, encontram-se as promessas de “viver mais, melhor e mais jovens” contrariando o ciclo existencial, pois à medida em que se vive mais, se envelhece a cada dia. Todas essas propostas são ratificações dos mecanismos de repulsa de si mesmo para expor uma imagem perfeita e, ao mesmo tempo, contrária às mudanças corporais que são ocorrências naturais na velhice.

Os discursos contidos nessa capa indicam que as figuras da velhice feminina que devem ser exibidas confrontam com as imagens reais que afetam o corpo e a aparência de uma mulher idosa. Logo, exibir os traços do envelhecimento feminino são condenáveis e são sinais de derrota em um mundo absorvido pela cultura do corpo escultural. Há uma interpelação dos indivíduos pelos discursos midiáticos e pelas imagens que ensinam quais são as feições e os “corpos perfeitos” (Sibilia, 2011).

Ademais, as afirmações, na capa da revista, quanto ao envelhecimento ser julgado como uma doença e que tem cura, são salientadas pela sapiência dos pesquisadores do Vale do Silício, posto que essa região é destacada por ser tida como uma área que é polo de tecnologia de ponta americana. Com isso, todas as pesquisas e inovações científicas que surgem desse espaço servem de referência para conferir legitimidade aos recursos criados com a finalidade de conter o processo de envelhecimento, uma vez que estudos realizados na região destacada remetem à tecnologia e poder. Identifica-se uma articulação do enunciado que questiona uma cura para o envelhecimento com as descobertas científicas validando a ideia de tratamentos que podem promover a erradicação da velhice. Tótorá (2016) afirma que tanto na formalização jurídica de direitos quanto nas reações à discriminação, o envelhecimento é tratado como um problema que carece de solução.

Em decorrência, todas as tecnologias do rejuvenescimento como os produtos da cosmetologia, o incentivo midiático pela busca das cirurgias plásticas, das práticas esportivas e nutricionais são apontados como pro-

tagonistas de novas possibilidades de se tornar um idoso longo. A velhice deve ser camuflada para que a pessoa idosa seja apresentada como um sujeito que está conectado com os princípios da “juventude eterna” em um combate fervoroso contra as limitações físicas do corpo envelhecido. As formas de propagação dessas memórias estão além da escrita e dependem muito mais da forma como a sociedade as representa em cada contexto (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Portanto, há uma publicização da mudança das imagens da velhice nos dias de hoje e o discurso midiático exerce uma forte influência sobre a observação de si mesmo e dos outros baseando-se em regras e conceitos pré-definidos e de como se deve ser.

Neste enredo, a figura 3 foi veiculada pela Revista VOGUE em 08 de julho de 2021. Ela é uma revista americana de moda e estilo com tiragem mensal e que expõe outros tópicos, incluindo moda, beleza, cultura, estilo de vida. Com sede na cidade de Nova York, começou como um jornal semanal em 1892, antes de se tornar uma revista mensal, anos depois. Em tempos presentes, existem vinte e duas edições da revista em todo o mundo, inclusive, no Brasil pela editora Globo.

A fotografia, exposta na figura 3 faz parte de uma matéria intitulada “Cabelo grisalho é tendência no Festival de Cannes 2021: a onda de orgulho prateado está mais forte a cada dia. Ainda bem”. A foto pode ser avaliada como um texto não verbal, todavia reveladora e chocante por ser incompatível com o modelo de velhice construído pela sociedade brasileira, mormente, para as mulheres. Essa foto revela um tempo determinado, a intitulada sociedade contemporânea. Ela foi registrada no Festival de Cannes, em 2021. Nela são mostradas três atrizes famosas que deixaram as marcas de seus envelhecimentos aparentes. São elas, à esquerda, Andie MacDowell, à direita, Jodie Foster, norte-americanas e na parte central, Helen Mirren, de origem britânica.

Figura 3: Foto publicada na matéria: “Cabelo grisalho é tendência no Festival de Cannes 2021”, da Revista VOGUE. Vitória da Conquista/BA, 2022.



Fonte: <https://vogue.globo.com/sua-idade/noticia/2021/07/mulheres-poderosas-assumem-os-fios-brancos-no-festival-de-cannes.html>. Revista VOGUE, 08 de julho de 2021.

Nesta imagem, sem um texto explicativo, existem discursos que se movem, pois são simbólicos e produzem sentidos. Para Orlandi (2007) quando discorre sobre o silêncio, percebe-se que o nosso imaginário social destinou o silêncio a um lugar subalterno. Nos tempos presentes, há uma aniquilação do silêncio por considerar que apenas nas palavras há comunicação. Não obstante, no mutismo pode haver muita ebulição que causa alvoroço em uma sociedade que prefere a multidão de linguagens. Isso implica em compreender que é preciso o trabalho de interpretação da imagem a fim de elucidar como ela se constitui como discurso e, simultaneamente, como a referida imagem pode ser integrante de discursos verbais sobre a mulher idosa.

Orlandi (2015, p. 48) assevera que “[...] a forma sujeito-histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso”. Nessa ambiguidade, os cabelos brancos que estão, sobremodo, realçados, na figura 3, são capazes de gerar perturbação, indignação, constrangimento, discussões a respeito do

belo e do feio, tal como pode provocar um alívio significativo para o sexo feminino que se encontra aprisionado pelos “mandamentos” e estigmas relacionados ao corpo, à aparência e à velhice, dado que o corpo e seu semblante se tornam mecanismos de visualização da sua historicidade e das circunstâncias que o produzem (Leandro-Ferreira, 2013).

Na figura 3, nota-se que a velhice representada pode ser vista como resistência, estranhamento, aversão, transgressão, visibilidade, mudança, desconstrução e/ou reconstrução. Como diriam Achard e Davallon (2015) é preciso notar como uma certa imagem concreta é uma produção cultural e isso nos leva a sua eficácia simbólica. A tendência é desenvolver uma atividade de produção de significação que nem sempre está visível.

Não assumir os cabelos brancos é quase uma regra para as mulheres, ainda que algumas delas os tenham precocemente. A prática de pintar os cabelos é um uso recorrente entre o sexo feminino. Usar os cabelos brancos é assumir o processo de envelhecimento e/ou a velhice. Segundo Neves (2016), a forma como se trata esse tema leva-se a crer que o cabelo branco é uma espécie de estigma em que o indivíduo pode ser avaliado como não desejável ou um ser enfraquecido. O uso dos cabelos em seu tom natural remete à imagem da velhice que, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições e, contrariamente, apresentam-se apenas perdas (Mucida, 2019).

O cabelo branco não é associado à beleza e à juventude, mas um desvio de um parâmetro da formosura quase exclusivo para as mulheres. Não pintar os cabelos pode estar concatenado com a desistência da busca pela perfeição e dos simulacros fornecidos pelos recursos estéticos. Em suma, porque possuir formosura e ser jovem se converteu em obrigação social (Mendonça, 2020).

No contexto da imagem, as atrizes apresentaram uma forma de contravenção ao deixarem seus cabelos grisalhos e brancos e assumi-los publicamente em um evento de importância internacional, que é o Festival de Cannes. A figura 3 não caracteriza os atributos destinados às pessoas idosas pela sociedade brasileira. Porém, nota-se um processo de remode-

lação ao verificar que as mulheres podem se sentir representadas quando se deparam com uma imagem como essa ou mesmo quando decidem assumir seus cabelos brancos como uma forma de resgate de sua identidade e individualidade. Elas podem se identificar com essa formação discursiva ou rejeitá-la e, até mesmo, criar uma espécie de negociação com os discursos representados pela imagem. Por isso, Cruz (2018), p. 11) informa que “[...] os sujeitos assumem posicionamentos discursivos distintos; logo, é por intermédio das formações discursivas que a ideologia se faz presente nas materialidades visuais e linguísticas”.

Na imagem, os cabelos brancos e grisalhos são aparentes, tal qual a beleza, a sofisticação de quem os carrega. Neste caso, não existe a associação entre velhice e desleixo na imagem. Pelo contrário, vê-se um extremo bom gosto nas vestimentas e cores usadas por elas. Por isso, sujeitos e sentidos estão em efusão, uma vez que não estão completos definitivamente (Orlandi, 2015).

Torna-se imprescindível apontar que as mulheres experimentam velhices singulares. Todo o contexto social e histórico é somado para uma análise acurada quanto à adesão aos novos modelos de comportamento feminino na velhice conforme propagandeado pelo uso dos cabelos brancos. Essa forma de expressão tem representado um rompimento com as tradições, os hábitos, com os sistemas de normas e os limites impostos à mulher como controladores de sua imagem e suas condutas.

No entanto, sabe-se que as condições econômicas são limitadoras para o acesso aos novos modelos de desvios dos padrões associados à feminilidade porque para essa adesão é necessária a utilização de outros produtos que permitam que os cabelos tenham uma aparência de cuidado e uma sofisticação conforme mostrado na figura 3. Aqui, nota-se que os discursos que estão em funcionamento remontam aos arquétipos da formosura, dos cabelos impecáveis na cor, no brilho e sedosidade como reflexos das regras rígidas das normas de exposição do corpo feminino. Nesse encadeamento, Orlandi (2017) diz que o indivíduo, interpelado pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado. Na perspectiva

discursiva, a ideologia é uma prática e essa envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito.

Portanto, usar os cabelos brancos não é simplesmente uma decisão mediada pelo gosto pessoal ou para assumir uma tendência contemporânea. O corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pelas classes sociais e pela cultura em que as mulheres vivem (Neves, 2016). Esses componentes intervêm na percepção de si e na sua apreciação social. À vista disso, o sistema capitalista produz mecanismos de manipulação para interferir em escolhas como essa e utiliza-se de diversos meios para conduzir os novos padrões criados e estipulados para o público feminino.

Essa movimentação é visível aos olhos do mercado do consumo que tem captado essas nuances e criado tendências de moda, como os cortes de cabelos mais apropriados, exclusivamente, para mulheres mais velhas e tem desenvolvido cremes, *shampoos*, condicionadores e outros artifícios que colaboram para manter o branco mais “saudável”, mais brilhoso e natural. Com isso, é perceptível que existe uma lógica de mercado que insere todas as mudanças necessárias à manutenção da égide do capital.

A figura 3 promove um discurso que contém um efeito libertador e significante caracterizando um tipo de envelhecimento feminino que se mostra revestido do poder de mudanças. Por um outro lado, retrata uma ampliação das diferenças sociais, econômicas e culturais, posto que delimita quais mulheres poderão se aproximar desse novo modelo de envelhecer sem esconder seus cabelos brancos por meio de tinturas ou maquiagem para os cabelos.

Nem todas as mulheres conseguem atender às regras destinadas ao corpo e a aparência como símbolos femininos, pois são limitadas pela condição financeira, pelos estigmas relacionados à classe social e pela sociedade que difere a “velha feia e a velha bonita”. Para Sibilía (2011), os fatores socioculturais, econômicos e políticos tendem a exercer uma forte ingerência sobre os sujeitos nos mais diferentes tempos e espaços

estimulando a conformação de determinadas formas de ser e, ao mesmo tempo, inibindo outras modalidades.

A maioria das idosas que pertencem às camadas populares utilizam os cabelos brancos por não terem condições financeiras para sequer usar qualquer tipo de tintura porque isso fragmentaria a renda que é gerada exclusivamente para saciar a fome e atender minimamente às necessidades básicas de cada uma dessas mulheres e de suas famílias. Dessa forma, elas estão completamente afastadas de qualquer padrão de beleza, de autocuidado anunciado pelas redes sociais e pelos meios de comunicação e, portanto, são invisíveis para o mercado de consumo. Assim, o sistema capitalista promove as desigualdades entre as formas de viver as velhices e aprofunda ainda mais discrepâncias entre o mundo feminino, as mulheres e a velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar do tema da velhice de mulheres na sociedade brasileira diversos componentes são colocados a postos a fim de que possam ser revistos, enumerados, classificados, reconstruídos numa tentativa recorrente de encontrar respostas, alternativas e promover reelaborações quanto ao tema discutido.

Neste percurso, verifica-se que as memórias sociais por possuírem raízes profundas são delimitadoras dos pensamentos que cotidianamente se fortalecem e robustecem face a conceituação do envelhecimento e, em decorrência disso, promovem o ocultamento da velhice e das pessoas idosas. Na contemporaneidade, envelhecer é complexo e árduo.

Nos dispositivos midiáticos, os discursos referentes à mulher idosa e à velhice estão conectados com as ideias de escamoteamento do processo de envelhecimento, apologia às práticas de rejuvenescimento por meio de múltiplos elementos que encobrem a idade, as marcas faciais e as vulnerabilidades de um corpo que envelhece e, em virtude disso, nota-se uma rejeição ao envelhecimento feminino.

Observou-se que os sentidos e símbolos dessa fase da existência penetram a linguagem, as expressões, os comportamentos que no dia a dia são promotores dos estigmas e os estereótipos em profusão. As mídias colaboram acentuadamente para multiplicação de olhares acerca do tema e promovem a produção e desconstrução de visões que orbitam em torno da velhice de acordo com as necessidades, sobretudo dos poderes políticos e econômicos que consubstanciam os seus interesses a depender do momento histórico a qual constroem e se inserem.

Para tanto, é fundamental que o tema acerca das faces da velhice feminina seja sempre debatido, elucidado, visibilizado com a finalidade de permitir reconstruções sobre o tema, especialmente, em um país de envelhece e que as mulheres são maioria no espaço urbano. O envelhecimento feminino deve ser revelado, reavaliado permitindo o pleno exercício da vida em qualquer tempo e idade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre; DAVALLON; Jean *et al.* . **O papel da memória.** Tradução e introdução de José Horta Nunes. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** Tradução Mauro W. Barbosa. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. *In*: GOLDENDERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice.** Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice:** a realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CRUZ, Adriano Charles Silva. **Mídia e discurso:** a construção de sentidos (livro eletrônico). Marília: Poiesis Editora, 2018.

DEBRET, Guita Grin. A antropologia e o estudos dos grupos e das categorias de idade. *In: In:* BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer.** Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social:** novas perspectivas sobre o passado. Tradução de Telma Costa. Editora Teorema. Lisboa, 1992.

FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Discurso, imagem e redes de sentido: quando o acontecimento jornalístico escreve a história do presente. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.) **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **Revista Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, 2013. p. 77-82.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública.** Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Clássicos da Comunicação Social).

LOPES, Andréa. Dependência, contrato social e qualidade de vida na velhice. *In:* SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. **As múltiplas faces da velhice no Brasil.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. (Coleção Velhice e Sociedade).

MENDONÇA; Felipe Viero Kolinski Machado. **Seja jovem:** sentidos sobre a velhice em cinquenta anos de Veja (1968-217). Ouro Preto: Editora UFOP, 2020.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece:** psicanálise e velhice. 2ª ed. rev. 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NEVES, Denise Felgueiras das. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. *In*: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

NIQUETTI, Ricardo. Deleuze e os devires minoritários da velhice. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v. 9, n. 27, p. 114-136, outubro 2016 - janeiro 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni. P. Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e os incorporais. *In*: MIRANDA, Danilo Santos; VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Velhice**: reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC: PUC, 2006.

SANTOS, Francisco Coelho dos. Meios de comunicação social/Meios de complexificação social. *In*: NETO, Antônio Fauto; PINTO, Milton José (orgs). **O indivíduo e as mídias**. Copacabana - RJ: Diadorim Editora LTDA, 1996.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In*: GOLDENBERG, Mirian (org). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005

TÓTORA, Silvana. **Velhice uma estética da existência**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016.

TRINDADE, Patrícia Luiza Gonçalves. GRANTHAM, Marilei Resmini. Tipo uma menina: estereótipo e formas de subjetivação. **Entrepalavra**. Fortaleza, v.6, n. 2, p. 252-273, jul./dez, 2016.